

PROJETO ARQUIDIOCESANO DE EVANGELIZAÇÃO 2016-2020

“Ai de mim se eu não anunciar o Evangelho” (1Cor 9,16)

SUMÁRIO

Apresentação	pag. 2
Introdução	pag. 3
Capítulo 1 - Caminhando entre conquistas e desafios	pag. 5
I - Uma Arquidiocese cada vez mais urbana	pag. 5
II - Situações que provocam nosso olhar	pag. 6
a) Âmbito político	pag. 6
b) Âmbito econômico	pag. 7
c) Âmbito social	pag. 8
d) Âmbito da cultura.....	pag. 10
e) Âmbito religioso	pag. 11
f) Âmbito socioambiental	pag. 13
Capítulo 2 - Critérios norteadores da ação evangelizadora	pag. 15
2.1 - Partir de Jesus Cristo	pag. 15
2.2 - Empenhar-se corajosamente na construção do Reino	pag. 16
2.3 - Ser Igreja “em saída e com portas abertas”	pag. 16
Capítulo 3 - Nosso compromisso com o reino de Deus	pag. 19
1 - Uma Igreja em estado permanente de missão	pag. 19
2 - Uma Igreja atenta à iniciação cristã	pag. 20
3 - Uma Igreja, lugar de animação bíblica da vida e da pastoral	pag. 22
4 - Uma Igreja que seja comunidade de comunidades	pag. 23
5 - Uma Igreja a serviço da vida	pag. 24
Anexo - Planejando nossas ações comunitárias e pastorais	pag. 26
Siglas	pag. 28

APRESENTAÇÃO

O PROJETO ARQUIDIOCESANO DE EVANGELIZAÇÃO 2016-2020 foi submetido ao estudo, reflexão e aprovação da Assembleia Arquidiocesana de Pastoral, realizada nos dias 25 e 26 de novembro de 2016. Um amplo processo de participação envolveu as várias instâncias da Arquidiocese de Mariana. Esse processo teve seu início, de forma solene, por ocasião da comemoração dos 270 anos da criação da Diocese de Mariana. Numa bela celebração, na Arena Mariana, na tarde de 28 de novembro de 2015, no DIA DA ARQUIDIOCESE, que pela segunda vez celebramos, a proposta de reflexão nas bases de nossa Igreja particular foi vibrantemente acolhida pela grande assembleia que congregou representantes das Paróquias, comunidades, pastorais específicas, movimentos apostólicos, irmandades e associações religiosas de nossa Igreja particular.

Em sintonia com as Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil, aprovadas em 2015, para este quadriênio, a Arquidiocese de Mariana assume este Projeto “com renovada consciência de que a evangelização parte continuamente da contemplação de Jesus Cristo, presente em sua Igreja, e se desenvolve em diálogo com os contextos em que se realiza” (DGAE n. 3). A CNBB oferece diretrizes que servem de referencial para o processo de planejamento pastoral das dioceses e dos organismos eclesiais, “respondendo aos desafios locais, a partir das urgências e perspectivas de ação” (DGAE 141)

Fiel aos ensinamentos do Papa Francisco, Sucessor de Pedro, movida por renovado ardor missionário, nossa Arquidiocese quer ser uma Igreja “em saída”. “Na Palavra de Deus, aparece constantemente este dinamismo de «saída», que Deus quer provocar nos crentes: Abraão aceitou o chamado para partir rumo a uma nova terra (cf. *Gn* 12, 1-3). Moisés ouviu o chamado de Deus: «Vai; eu te envio» (*Ex* 3, 10), e fez sair o povo para a terra prometida (cf. *Ex* 3, 17). A Jeremias disse: «Irás aonde eu te enviar» (*Jr* 1, 7). Naquele «ide» de Jesus, estão presentes os cenários e os desafios sempre novos da missão evangelizadora da Igreja, e hoje todos somos chamados a esta nova «saída» missionária. Cada cristão e cada comunidade há de discernir qual é o caminho que o Senhor lhe pede, mas todos somos convidados a aceitar este chamado: sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho” (EG 20).

Ao aprovar este Projeto, imploro a intercessão da Mãe do Evangelho vivente, a fim de que este convite para uma nova etapa da evangelização em nossa Arquidiocese seja acolhido por toda a comunidade eclesial (cf. EG 287).

Mariana, 08 de dezembro de 2016
Solenidade da Imaculada Conceição

+Geraldo Lyrio Rocha
Arcebispo Metropolitano

INTRODUÇÃO

1. O planejamento pastoral da Igreja no Brasil começou em 1962, com o *Plano de Emergência*, respondendo a uma recomendação de São João XXIII. Quatro anos depois, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) aprovou o *Plano de Pastoral de Conjunto* (PPC) que, em 1975, assumiu a forma das atuais *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil*. O Concílio Vaticano II e as Conferências do episcopado latino-americano e caribenho foram inspiração para toda essa organização da Igreja no Brasil.
2. As dioceses, por sua vez, em espírito de comunhão eclesial, tomaram as Diretrizes da CNBB como referência para a organização e dinamização de sua ação evangelizadora. A Arquidiocese de Mariana inseriu-se nesta caminhada, especialmente, a partir de seu primeiro *Projeto Biental de Evangelização*, aprovado pela 4ª Assembleia Arquidiocesana de Pastoral, em novembro de 1995. Sob o pastoreio de Dom Luciano Pedro Mendes de Almeida, nossa Arquidiocese passou a construir novas estruturas pastorais, em busca de uma Igreja comprometida com os pobres, a serviço da vida e da esperança. Vale recordar a preparação para o Jubileu do Ano 2000 (Projeto Rumo ao Novo Milênio). Nossas comunidades viveram um período intenso de missões, que acenderam a chama para a organização das comunidades.
3. O segundo Plano de Pastoral – *Chamados para servir* - veio em 2003 e deu ênfase à missão como compromisso de todos os batizados. Ele nos ajudou a fazer de nossa Arquidiocese uma Igreja que, a um só tempo, se evangeliza e evangeliza.
4. A 18ª Assembleia Arquidiocesana de Pastoral, em agosto de 2010, aprovou, após longo e intenso processo de preparação, o terceiro plano de pastoral denominado *Projeto Arquidiocesano de Evangelização*, popularmente chamado de PAE. Fruto de uma construção coletiva que envolveu todas as instâncias da Arquidiocese, o PAE se firmou em dois eixos: *Comunidade e Missão*. Cada um destes eixos teve seus programas de atividades. Ao longo de cinco anos, o PAE ajudou nossa Arquidiocese a fortalecer suas comunidades, despertando-as para seu compromisso missionário.
5. Esta é a moldura do quarto *Projeto Arquidiocesano de Evangelização*, aprovado na 24ª Assembleia de Pastoral, realizada em Mariana, dias 25 e 26 de novembro de 2016. Ele quer ser uma ferramenta na construção de respostas aos desafios atuais da evangelização. Tem como referência a Exortação Apostólica do Papa Francisco *Evangelii gaudium – Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*, a Encíclica *Laudato Sí - Sobre o cuidado da casa comum*, e a *Bula Misericordiae Vultus de proclamação do Jubileu extraordinário da Misericórdia*, o documento de Aparecida e as Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2015-2019,
6. Por meio deste novo Projeto, respondendo ao apelo do Papa Francisco para que sejamos uma “Igreja em saída”¹, . nossa Arquidiocese reafirma seu compromisso de se tornar uma Igreja sempre mais viva e em estado permanente de missão, como aliás orienta o Documento de Aparecida, 6. A missão se torna, assim, o tom distintivo do PAE 2016-2020, iluminada pelas cinco *urgências na evangelização* indicadas pelas Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: Igreja em estado permanente de

¹ EG 46

missão; Igreja: casa da iniciação à vida cristã; Igreja: lugar de animação bíblica da vida e da pastoral; Igreja: comunidade de comunidades; Igreja a serviço da vida plena para todos. As ações indicadas pelo PAE visam a concretizar essas urgências de forma articulada, considerando a rica caminhada pastoral de nossa Arquidiocese. Desta maneira, continua nosso compromisso de renovar nossas paróquias conforme propõe o Documento 100 da CNBB na esteira dos projetos de evangelização que têm orientado nossa caminhada pastoral.

7. A participação de nossas comunidades, pastorais, associações, movimentos, irmandades e serviços eclesiais na construção do PAE 2016-2020 foi fundamental para que ele responda às demandas de nosso tempo. Ele nos ajuda a conhecer a realidade social, política, econômica, cultural, socioambiental e religiosa de nossa Arquidiocese, bem como os grupos, categorias de pessoas, as situações, os lugares e ambientes que merecerão maior atenção de nossa ação evangelizadora. Além disso, o PAE constitui-se num valioso instrumento na descoberta e identificação das “estruturas caducas”² presentes em nossa Arquidiocese e paróquias, e sua conseqüente superação com ousadia, criatividade e responsabilidade.
8. O PAE favorecerá que toda iniciativa pastoral de nossas paróquias e comunidades seja marcada pelo espírito missionário. Será eficaz auxílio para a comunidade viver a experiência do encontro com o Senhor, celebrar a Palavra de Deus, acolher e servir a todos, especialmente os pobres e sofredores, bem como ouvir os clamores que vêm de quem está longe, nas periferias existenciais e geográficas, reafirmando o protagonismo dos leigos e leigas.
9. Para tanto, assumimos o objetivo geral da Igreja no Brasil: *“Evangelizar a partir de Jesus Cristo, na força do Espírito Santo, como Igreja discípula, missionária, profética e misericordiosa, alimentada pela Palavra de Deus e pela Eucaristia, à luz da evangélica opção preferencial pelos pobres, para que todos tenham vida, rumo ao Reino definitivo”*.

² DAp 365

CAPÍTULO 1 - CAMINHANDO ENTRE CONQUISTAS E DESAFIOS

10. Evangelizar é a razão de ser da Igreja. Essa tarefa consiste em levar o Evangelho a todas as pessoas a fim de renovar toda a humanidade. A Igreja cumpre esta missão quando ajuda na conversão tanto da consciência pessoal e coletiva das pessoas, quanto da atividade em que elas se aplicam, além da vida e do meio concreto em que se encontram³. Trata-se de um gigantesco compromisso que exigirá dos evangelizadores o conhecimento da realidade com os desafios que nos interpelam, “atentos aos sinais dos tempos” para, “em atitude de discernimento, nela mergulhar iluminados pela fé”⁴.
11. Com o objetivo de discernir estes “sinais dos tempos”, apresentamos algumas chaves de leitura que nos ajudam a reconhecer o contexto no qual estamos inseridos e sirvam de inspiração para a ação evangelizadora da Igreja Particular de Mariana. Não se trata de um diagnóstico completo e profundo, mas de diretrizes que ajudarão nossas comunidades a perceberem os apelos de Deus que vêm da realidade nos âmbitos político, econômico, social, cultural, religioso e ambiental.
12. O pano de fundo para nossa leitura é a constatação dos bispos da América Latina de que vivemos uma mudança de época que é marcada por seu alcance global e alimentada pela globalização⁵. Apresentamos, em primeiro lugar, a leitura de alguns dados sobre nossa Arquidiocese, tendo como base o Censo 2010 realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Em seguida, registramos situações que nos provocam a olhar a realidade do país e de nossa Arquidiocese a partir dos âmbitos acima mencionados.

I - Uma Arquidiocese cada vez mais urbana

13. Primeira diocese de Minas, criada em 1745, Mariana foi elevada a Arquidiocese em 1906. Compreendendo uma área de 22 mil km², a Arquidiocese possui 130 Paróquias, 03 Quase Paróquias, 01 Reitoria e 01 Curato distribuídos em 79 municípios e mais dois em que parte se localiza no território da Arquidiocese de Mariana e parte em outras dioceses. Segundo o Censo realizado pelo IBGE em 2010, a população da Arquidiocese de Mariana aumentou 6,8% em dez anos, passando de 1.101.953, em 2000, para 1.177.088 pessoas em 2010. Desse total, 49,19% são homens e 50,81% mulheres.
14. A população da Arquidiocese está distribuída assim: dois municípios (Barbacena e Conselheiro Lafaiete) possuem população acima de 100 mil habitantes; quatro (Viçosa, Ouro Preto, Ponte Nova e Mariana) têm população entre 50 mil e 100 mil habitantes; sete (Congonhas, Itabirito, Ouro Branco, Barão de Cocais, Santa Bárbara, Raul Soares e Carandaí) com população entre 20 mil a 50 mil; dezesseis têm população entre 10 mil e 20 mil habitantes e vinte possuem população entre 5 mil e dez mil habitantes. Com população abaixo dos 5 mil habitantes estão 30 municípios, o equivalente a 38% da Arquidiocese.

³ Cf. Paulo VI. Evangelii Nuntiandi, n. 18.

⁴ CNBB. DGAE 2015-2019, n. 17.

⁵ Cf. DAp, n. 34.

15. Um dado que chama a atenção é a população urbana. São dezoito municípios com mais de 80% da população vivendo na cidade. Congonhas com 97%, seguida de Conselheiro Lafaiete e Itabirito, ambas com 96%, lideram os municípios com maior população urbana da Arquidiocese. Já Pedra Bonita (27%), Diogo de Vasconcelos (29%) e Presidente Bernardes (30%) lideram os municípios com menor população urbana. A média geral é de 78,14% da população morando na cidade e 21,86% no campo. Diante destes números, constata-se que estamos deixando de ser uma arquidiocese rural para nos tornarmos uma arquidiocese predominantemente urbana. Isso traz implicações para nossa ação pastoral.

II – Situações que provocam nosso olhar

a) Âmbito político

16. O descrédito com a política e com os políticos é uma herança histórica que aumenta a cada dia. O alto número de abstenções somado aos votos nulos e brancos nas eleições municipais de outubro de 2016 é prova contundente desse descrédito. Contribuem para isso, entre outras coisas, a utilização, pelos políticos, de recursos para o benefício próprio em detrimento do interesse público, a crescente onda de corrupção, que parece não ter fim em nosso país, e a prática clientelista que, privilegiando o privado em detrimento da coletividade, vai na contramão da construção da cidadania e do bem comum.

17. A reforma do sistema político, reconhecida como urgente e inadiável, não se concretiza, entre outras coisas, por contrariar os interesses da maioria dos políticos e de poderosos grupos e organizações que se beneficiam da atual forma de fazer política no país. A necessidade de avançarmos na democracia participativa é condição para “que o povo possa exercer plenamente seu ser político”⁶, uma vez que “o sujeito da autoridade política é o povo, considerado na sua totalidade como detentor da soberania”⁷.

18. Nos municípios que formam a Arquidiocese de Mariana, a prática política não foge ao que se vê no país. As relações de proximidade aumentam o grau de dependência da população em relação a quem está no poder. A corrupção eleitoral por meio da compra de votos e do uso da máquina administrativa nas eleições ainda é comum em muitos lugares. Por várias razões, no entanto, essa prática não é denunciada, caracterizando omissão do povo, aí incluídos os cristãos, confirmando o divórcio que há entre fé e vida. O voto é dado à pessoa, muitas vezes, sem considerar sua vida passada, sua competência e, tampouco, o partido a que o candidato está filiado. Ignora-se por completo o jogo político que acontece tanto no exercício do Executivo, quanto nas Casas Legislativas. Prevalece, em muitos casos, a troca de favores e a compra de votos na lógica do “é dando que se recebe”. Existem também muita divisão política e frequentes registros de violências, sobretudo em comunidades menores, dificultando, em razão dos ranços políticos, a convivência fraterna entre famílias e o trabalho pastoral comunitário.

19. É pequeno o número de cristãos que se candidatam motivados pelos apelos de sua fé. Muitos que o fazem, porém, nem sempre se comprometem com a causa dos mais pobres e excluídos, rendendo-se ao jogo de quem já está no poder. A renovação dos políticos é dificultada pelos partidos que não renovam seus quadros e apresentam sempre os

⁶ CNBB. Doc. 91, n. 36

⁷ S. João Paulo II. Centesimus Annus, n. 46

mesmos para as eleições, fazendo com que muitos se perpetuem na política. A apatia da maior parte da população favorece essa prática partidária, danosa à democracia.

b) Âmbito econômico

- 20.** A crise vivida pelo Brasil, reflexo também da crise mundial deflagrada em 2008, atinge toda a população, especialmente os mais pobres. “Mais do que uma crise econômica, trata-se de uma crise de civilização que, tendo colocado a ciência e a tecnologia a serviço do lucro, criou uma riqueza nunca vista, mas não combateu a miséria, a fome e o desemprego que ela mesma provocou e que hoje atingem setores massivos da humanidade”⁸. O Papa Francisco, na Exortação Apostólica *Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*, conclama-nos a dizer ‘não’ à economia da exclusão, à idolatria do dinheiro, a um dinheiro que governa em vez de servir e à desigualdade social que gera violências⁹. Uma economia centrada no mercado e no lucro gera a cultura do descartável. “Já não se trata simplesmente do fenômeno de exploração e opressão, mas de uma realidade nova: com a exclusão, fere-se, na própria raiz, a pertença à sociedade onde se vive, pois quem vive nas favelas, na periferia ou sem poder já não está nela, mas fora. Os excluídos não são explorados, mas resíduos, sobras”¹⁰.
- 21.** As medidas econômicas adotadas pelo atual governo, como a que estabelece o limite de gastos públicos, vão na direção oposta do que nos indica o papa Francisco e retomam o caminho de um estado neoliberal que privilegia o mercado e o lucro, em detrimento do estado de bem estar social. Assim, a economia domina a política e dita a direção por onde esta deve caminhar. As consequências se mostrarão na perda de direitos, na redução de políticas públicas e no aumento do fosso entre ricos e pobres. Merece atenção também a direção apontada pelo Governo para as necessárias reformas previdenciária, tributária e trabalhista.
- 22.** A realidade econômica da Arquidiocese de Mariana é marcada pela diversidade. Enquanto numa região prevalecem o turismo e o minério, em outras, predomina o trabalho rural, com ênfase na agricultura familiar, além da pecuária. O comércio é forte, sobretudo, em cidades polos. Em muitos lugares, a população depende do poder público para garantir sua sobrevivência. Poucos municípios abrigam usinas e empresas. Onde estas existem, a população convive com a exploração própria de quem dobra os joelhos diante desta economia excludente condenada pela Igreja.
- 23.** A atividade mineradora é fonte de receita para vários municípios em nossa Arquidiocese. Grandes mineradoras operam nessas terras há décadas gerando dependência das regiões em que atuam. Por isso, nem todos conseguem avaliar a dívida socioambiental que esta atividade produz. A esse respeito, Dom Geraldo Lyrio Rocha declarou: “Mesmo reconhecendo o progresso, impulsionado em grande parte pelo avanço científico e tecnológico, que gera emprego, renda e recursos econômicos e financeiros, não podemos desconhecer o risco dos impactos causados à qualidade de vida de nosso povo, ao meio

⁸ CNBB. Por uma reforma do Estado com participação democrática, n. 3.

⁹ Cf. Papa Francisco. *Evangelii Gaudium*, nn. 52-59.

¹⁰ *Idem*, n. 54.

ambiente e à preservação de seu precioso patrimônio. Tais impactos são, muitas vezes, ignorados em nome do desenvolvimento econômico”¹¹.

24. Isso ficou comprovado com o rompimento da barragem de Fundão, ocorrido em 5 de novembro de 2015. Foram 60 milhões de m³ de rejeitos de minério que engoliram as comunidades de Bento Rodrigues e Paracatu de Baixo, no município de Mariana, além de atingir os municípios de Barra Longa, Rio Doce, Santa Cruz do Escalvado e Sem Peixe, todos em território da Arquidiocese de Mariana. A lama destruiu a bacia do Rio Doce comprometendo a biodiversidade da região numa extensão de mais de 600 km até atingir o oceano, no Espírito Santo. A barragem era de propriedade da Samarco Mineração S.A, empresa controlada pela Vale e BHP Billinton. Seu rompimento se constituiu no maior crime ambiental do país e um dos maiores do mundo. Por muitos anos será impossível medir seu alcance e suas consequências.

c) Âmbito social

25. Os programas sociais dos governos dos últimos anos trouxeram significativa melhora na vida de milhões de famílias brasileiras. O Plano Brasil sem Miséria, lançado em 2011, havia tirado aproximadamente 22 milhões de pessoas da condição de extrema pobreza. A Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO), no final de 2014, anunciou que o Brasil tinha saído do Mapa Mundial da Fome. De acordo com a Caixa Econômica Federal, mais de 13,9 milhões de famílias eram atendidas pelo Programa Bolsa Família até meados de 2016¹², num total de 40 milhões de pessoas. Em termos econômicos, a transferência de renda está na ordem de R\$ 18,5 bilhões. “Apesar destas políticas sociais, 16 milhões de brasileiros ainda estão vivendo na miséria e 43 milhões estão abaixo da linha da pobreza. Depois da diminuição de indigentes nesses últimos dez anos, seu número teria voltado a aumentar”¹³.

26. Dados disponíveis no site do Ministério de Desenvolvimento Social (MDS) mostram que, nos 79 municípios da Arquidiocese de Mariana, até abril de 2016, 73.114 famílias recebiam benefícios do Bolsa Família¹⁴. Isso equivale a 29% da população da Arquidiocese, ou seja, aproximadamente, 343 mil pessoas (considerando uma média de 4,7 pessoas por família). Chama a atenção o fato de que, em um município, mais de 66% da população seja beneficiária do programa. Em outros 12, esta percentagem ultrapassa os 40% e em 29 os que dependem do Bolsa Família chegam a 30% da população. Esses números revelam que a Arquidiocese possui um contingente enorme de pobres que dependem dos benefícios do governo.

27. Desafia-nos a violência que atinge nossos municípios vitimando, especialmente, a juventude. Em Viçosa, por exemplo, de janeiro a novembro de 2015, foram assassinados 30 jovens¹⁵. Na maioria das vezes, o tráfico de drogas está na raiz dessa violência que não é exclusividade da cidade. Assistimos com muita preocupação ao crescimento de furtos e assaltos também na zona rural das pequenas e grandes cidades. O desemprego é outro problema que gera insegurança e desestrutura nas famílias.

¹¹ Declaração da Arquidiocese de Mariana diante dos impactos da atividade mineradora e industrial – 14 de setembro de 2012.

¹² Cf. <http://www.caixa.gov.br/programas-sociais/bolsa-familia/Paginas/default.aspx>. Acessado em 22.07.15

¹³ CNBB. Pensando o Brasil 2 – A desigualdade social no Brasil, n. 7

¹⁴ Cf. <http://www.brasilsemisericia.gov.br/municipios>. Acessado em 02.11.2016

¹⁵ Cf. Folha da Mata – Viçosa. Edição 2412 de 19 de novembro de 2015

- 28.** Os presídios em nossa Arquidiocese confirmam a realidade prisional do país: superlotação, condições subumanas, dificuldades de acesso para os serviços religiosos e para as visitas de familiares, revista vexatória, população carcerária majoritariamente jovem, pobre e negra. Outro desafio é a ressocialização daqueles que passam pelo sistema prisional.
- 29.** O acesso à saúde e à educação de qualidade é uma exigência cada vez maior. Em nossa Arquidiocese, é grande o número de universidades, faculdades, institutos federais de ensino. Há também significativo número de escolas católicas. Segundo o Documento de Aparecida, por meio destas escolas “a Igreja é chamada a promover uma educação centrada na pessoa humana que é capaz de viver na comunidade”¹⁶. Não obstante todos estes recursos, a maior parte do povo não tem acesso a uma educação de qualidade.
- 30.** Em relação à saúde, na maioria dos municípios de nossa Arquidiocese, há deficiência de serviços, criando dependência das cidades polos. O Sistema Único de Saúde (SUS) não tem conseguido atender às demandas da população.
- 31.** Atenção especial merecem as mulheres em nossa sociedade. Embora sejam a maioria, em vários lugares e situações, elas continuam vítimas de violência, preconceito e discriminação. Na Igreja, em número bem maior que os homens, são elas que animam as comunidades, a catequese, a liturgia e tantas outras pastorais e associações religiosas. Em nossa Arquidiocese, também é assim. Nas assembleias, nos Conselhos, nas reuniões, nas celebrações, a porcentagem de mulheres supera em muito os homens.
- 32.** O mesmo ocorre na política. Elas são a maioria do eleitorado e, no entanto, têm baixíssima representatividade no Congresso Nacional, nas Assembleias Legislativas e nas Câmaras Municipais. As cotas partidárias são preenchidas apenas para satisfazer a legislação, mas a competição é desigual, sempre favorecendo o homem nas campanhas.
- 33.** As mulheres são discriminadas também no mundo do trabalho. Há casos, por exemplo, em que são exigidos das mulheres exames de gravidez e prova de esterilização para fins de admissão no emprego. Há, ainda, em muitos lugares, a diferença de salário entre homem e mulher que desempenham a mesma função. A violência sexual é outra realidade que atinge fortemente as mulheres, assim como crianças e adolescentes.
- 34.** Os dados do IBGE, em 2010, indicavam que, nos municípios de nossa Arquidiocese havia um total de 89.405 crianças de 0 a 6 anos, das quais 52.868 são pobres. Soma-se a esta realidade um comportamento social repressivo em relação aos adolescentes e favorável à redução da idade penal. Escapam à sociedade tanto o significado cristão e social das medidas socioeducativas como meio de responsabilização dos adolescentes, quanto o espaço de garantia de seus direitos no enfrentamento da redução da maioridade penal.
- 35.** A população negra, com presença forte em toda nossa Arquidiocese, também merece atenção especial. A política inclusiva de cotas para a educação vem reparar dívida histórica do país com os negros e negras, mas ainda causa polêmica e é bastante contestada. A discriminação para com os negros se faz sentir em várias situações. No mercado do trabalho, por exemplo, segundo o Departamento Intersindical de Estatísticas

¹⁶ DAp 334

e Estudos Socioeconômicos (Dieese), a população negra ganha menos do que os não negros e ocupa serviços menos valorizados¹⁷. Essa desvantagem se vê em outras áreas como educação e saúde. Já o preconceito se revela de múltiplas formas e não poupa nem mesmo a manifestação religiosa dos negros e negras, dificultando a inculturação e o diálogo inter-religioso.

- 36.** Toda essa realidade nos faz questionar as políticas públicas ou sua falta, caminho de solução para muitos problemas vividos pela população. Em relação à saúde pública, por exemplo, o país precisa avançar muito. A educação, embora tenha sido ampliado o acesso à escola, continua a reclamar qualidade e valorização do professor. Mesmo reconhecendo avanços significativos, é urgente a efetivação de políticas públicas voltadas para as crianças e adolescentes, jovens e idosos e pessoas com deficiência. Assegurar dignamente aos trabalhadores terra, teto e trabalho¹⁸ depende de efetivas políticas públicas que privilegiem o social e não se rendam à economia de mercado.

d) Âmbito da cultura

- 37.** Uma das riquezas do Brasil é sua diversidade cultural. Pensemos, por exemplo, nas culturas indígena e negra, popular e urbana. Há, no entanto, na cultura moderna ou pós-moderna elementos que preocupam na medida em que, inspirada na mentalidade técnico-científica, não se respeita a diversidade cultural que distingue nossos povos¹⁹. “Como evangelizar uma cultura (e numa cultura) em cujo centro não está mais Deus, mas o homem, medida de tudo, também dele mesmo, inclinado diante dos ídolos do consumismo e do progresso técnico?”²⁰.
- 38.** Na Conferência de Santo Domingo (1992), São João Paulo II afirmou que o mundo passava por “uma crise cultural de proporções inimagináveis”²¹. A pluralidade marca de tal forma a cultura dos tempos atuais que, em muitos casos, se constitui num grande desafio à evangelização. Não falamos mais de cultura, mas de culturas. Vários fatores contribuem para isso, desde a diversidade dos povos e grupos humanos até a revolução provocada pelas novas tecnologias de comunicação que, na expressão de São João Paulo II, cria uma nova cultura²².
- 39.** Na Conferência de Aparecida (2007), os bispos latino-americanos reconhecem que “a revolução tecnológica e os processos de globalização formatam o mundo atual como grande cultura midiática”²³. O que caracteriza essa cultura? Antes de tudo, a capacidade quase ilimitada de as pessoas se comunicarem em tempo real, rompendo as barreiras do tempo e do espaço. Nessa nova cultura, todos se tornam interlocutores. Além disso, faz surgir uma nova linguagem que nos desafia a todos. As redes sociais revelam um mundo virtual que jamais se imaginava. Muitas pessoas vivem conectadas várias horas por dia e todos os dias. A internet tornou-se um foro onde cabe tudo. Em muitos lugares, vê-se que

¹⁷ DIEESE. Os negros nos mercados de trabalho metropolitanos. In <http://www.dieese.org.br/analiseped/2013/2013pednegrosmet.pdf>

¹⁸ Cf. Discurso do Papa Francisco aos movimentos populares na Bolívia – julho de 2015

¹⁹ Cf. CNBB. Igreja, Comunhão e Missão na evangelização dos povos no mundo do trabalho, da política e da cultura, n. 239.

²⁰ Idem, n. 241

²¹ Papa João Paulo II. Discurso inaugural da Conferência de Santo Domingo, n. 21.

²² Cf. Papa João Paulo II. Redemptoris Missio, n. 37.

²³ CELAM. Documento de Aparecida, n. 484.

a internet está substituindo as relações pessoais e a vida em comunidade. Opta-se pelas comunidades virtuais. Educar para o uso consciente das mídias virtuais desafia pais, educadores, Igreja e sociedade. A questão é: como usar toda essa revolução tecnológica da comunicação a favor da evangelização?

40. Essa realidade exige uma evangelização inculturada e desafia a catequese, a liturgia, a ação missionária e a própria fé. Daí a necessidade de “promover o conhecimento e discernimento da cultura moderna, visando a uma adequada inculturação”²⁴.

e) Âmbito religioso

41. A religiosidade do povo brasileiro é uma de suas características mais visíveis. O Censo de 2010 do IBGE mostra que 8% dos brasileiros se declaram sem religião ou ateus. O que tem preocupado muito a Igreja é o fato de a população católica ter caído para 64,6%. Em décadas passadas, ultrapassava 90%. Esse afastamento, segundo a CNBB, citando o Papa Francisco, é sinal da “crise do compromisso comunitário”.
42. Aplica-se em grande medida à nossa Arquidiocese o olhar sobre a realidade católica apresentada nas Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil como “a persistência de uma pastoral de manutenção em detrimento de uma pastoral decididamente missionária; a compreensão de uma comunidade como mera prestadora de serviços religiosos, mais do que lugar de vivência fraterna da fé; a passividade do laicato, em vez do engajamento nas diversas instâncias da vida social; a tendência de centralização excessiva, mais do que o exercício da comunhão e participação; celebrações litúrgicas que tendem mais à exaltação da subjetividade do que da comunhão com o Mistério; utilização de uma linguagem inadequada”²⁵.
43. Constatam-se, ao lado disso, muitos avanços na ação pastoral de nossa Arquidiocese, fruto do empenho e do trabalho de milhares de pessoas, tanto do passado quanto do presente. Contribuíram para isso, especialmente, os três últimos Projetos ou Planos de Pastoral da Arquidiocese (Plano Bienal de Evangelização – 1996-1997; Plano de Pastoral – Chamados para Servir – 2003; Projeto Arquidiocesano de Evangelização – PAE – 2010-2014). Esses Planos inspiraram inúmeros outros projetos (Missionário, Vocacional, de Catequese, de Liturgia, de Comunicação) e iniciativas que colocam nossa Arquidiocese num caminho de comunhão e participação: Assembleias, Congressos, Seminários, Fóruns Sociais pela Vida, Pastorais Sociais... Precisamos crescer, no entanto, em áreas como a do Ecumenismo e do Diálogo Inter-religioso, cultura afro-brasileira, comunicação e algumas pastorais tais como a Pastoral da Educação, Pastoral Afro e outras.
44. A religiosidade popular, marca da população católica brasileira, está particularmente presente na Arquidiocese de Mariana. Jubileus, novenas, trezenas, procissões são expressões dessa religiosidade encontrada em, praticamente, todas as paróquias de nossa Arquidiocese. Destaque nessa expressão de fé é a devoção a Nossa Senhora. Reconhecida pela Conferência de Aparecida como “uma maneira legítima de viver a

²⁴ CELAM. Conferência de Santo Domingo, n. 254

²⁵ CNBB. Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2015-2019, n. 26.

fé”²⁶, a religiosidade popular “é imprescindível ponto de partida para conseguir que a fé do povo amadureça e se faça mais fecunda”²⁷. O desafio, no entanto, é evangelizar ou purificar a religiosidade popular²⁸.

- 45.** Questão desafiadora, por outro lado, é a chamada “Teologia da Prosperidade”, que não poupa nem mesmo a Igreja católica. Ajudar os cristãos a aderirem a Jesus pela fé e não pelos milagres ou compensações que dele possam receber é tarefa exigente. A “Teologia da Prosperidade” propõe o contrário e faz de Deus um comerciante que retribui generosamente a quem mais lhe oferta algum bem. Muitas vezes, essa “Teologia” está na base do trânsito religioso que verificamos cada vez mais forte em nossas comunidades com acentuada presença nos meios de comunicação. Acrescentem-se também o proselitismo religioso e a falta de diálogo entre Igrejas e grupos religiosos diversos. Problema ainda mais grave é a “crise do compromisso comunitário”²⁹ favorecida pela prática crescente da fé virtual.
- 46.** Merece destaque, ainda no âmbito religioso, uma realidade que nos interpela sobremaneira: a atuação dos leigos e leigas num contexto de clericalismo (dependência do padre) ainda muito presente na Igreja. O Documento de Puebla nos alerta sobre os perigos da clericalização³⁰. O Papa Francisco confirma: “o clericalismo é também uma tentação muito atual na América Latina. Curiosamente, na maioria dos casos, trata-se de uma cumplicidade pecadora: o pároco clericaliza e o leigo lhe pede, por favor, que o clericalize, porque no fundo, lhe resulta mais cômodo. O fenômeno do clericalismo explica, em grande parte, a falta de maturidade e de liberdade cristã em boa parte do laicato da América Latina”³¹.
- 47.** Segundo o Papa Francisco, “a proposta dos grupos bíblicos, das Comunidades Eclesiais de Base e dos Conselhos Pastorais está na linha de superação do clericalismo e de um crescimento da responsabilidade laical”³². Apesar dos grandes avanços na atuação dos leigos na Arquidiocese de Mariana, notamos com facilidade o clericalismo que marca nossa caminhada pastoral. Prova disso a dificuldade que muitas comunidades têm de celebrar o Dia do Senhor sem a presença do padre ou do diácono. É grande o número de espaços comunitários fechados nos domingos e muitos que se abrem não conseguem reunir grande número de membros. Por quê? Porque não é o padre que preside a celebração. O mesmo se diga da presença de muitos leigos e leigas em reuniões. Se o padre está presente, o salão enche; se o padre não está presente, muitos deixam de ir. Outro exemplo são as celebrações de exéquias. Na maioria das paróquias é difícil aceitar que um leigo, devidamente preparado, faça as orações de exéquias. O caminho para o reconhecimento e a valorização dos ministérios confiados aos leigos por nossas

²⁶ CELAM. Documento de Aparecida, n. 264

²⁷ Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, Diretório sobre a piedade popular e a liturgia, n. 64. In. CELAM, Documento de Aparecida, n. 262.

²⁸ Cf. CELAM. Documento de Aparecida, n. 262

²⁹ EG – título do capítulo II

³⁰ Cf. CELAM. Documento de Puebla, n. 815a

³¹ Papa Francisco. Encontro com os dirigentes do CELAM em 28 de julho de 2013 na JMJ

³² Idem

comunidades é longo, mas possível. A Arquidiocese começa a trilhá-lo cheia de esperança.

48. Não obstante o grande número de leigos e leigas atuando em nossas comunidades, há carências de agentes em várias áreas, causando uma sobrecarga de trabalho para alguns. Embora se constate que, de modo geral, houve um crescimento da participação dos leigos e leigas na vida da Igreja, entretanto, ainda é muito pequeno o número daqueles que se comprometem com uma presença cristã como sal da terra, luz do mundo e fermento na massa. É preciso investir cada vez mais na formação dos leigos e leigas, especialmente, no campo da cidadania, de forma a levá-los a se comprometerem mais com a transformação da sociedade.

f) Âmbito socioambiental

49. De dimensões continentais, nosso país possui uma natureza exuberante, com uma biodiversidade rica, espalhada em pelo menos seis biomas, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE): Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa e Pantanal. A riqueza desta natureza tem aguçado a cobiça de muita gente que, dominada pelo desejo do lucro, não tem escrúpulo em sacrificar o meio ambiente a fim de alcançar suas metas.
50. Trata-se de um fenômeno mundial para o qual o Papa Francisco chamou a atenção na sua encíclica *Laudato Si – sobre o cuidado da casa comum*. Nesta encíclica o Papa alerta para as mudanças climáticas e as consequências da ação danosa da pessoa humana em relação ao meio ambiente. “A terra, nossa casa, parece transformar-se cada vez mais num imenso depósito de lixo”³³. O Papa adverte: “Se a tendência atual se mantiver, este século poderá ser testemunha de mudanças climáticas inauditas e de uma destruição sem precedentes dos ecossistemas, com graves consequências para todos nós”³⁴.
51. Nosso Planeta vive momentos difíceis. Recursos naturais que antes eram abundantes são cada vez mais raros e de universais tendem a se tornar mercadoria e ficar privatizados como é o caso da água. “Os impactos ambientais poderiam afetar milhares de milhões de pessoas, sendo possível que o controle de água por grandes empresas mundiais se transforme em uma das principais fontes de conflito deste século”³⁵.
52. O desenvolvimento a todo custo também compromete o Planeta Terra. “As estradas, os novos cultivos, as reservas, as barragens e outras construções vão tomando posse dos habitat e, por vezes, fragmentam-nos de tal maneira que as populações de animais já não podem migrar nem se mover livremente, pelo que algumas espécies correm o risco de extinção”³⁶. É preciso recordar que o desenvolvimento econômico e o meio ambiente estão intimamente ligados. O uso dos recursos naturais não pode, em hipótese alguma, comprometer a vida do Planeta.
53. Vivemos tudo isso no Brasil com ameaças a populações indígenas, ribeirinhas, comunidades tradicionais, quilombolas. Questões como o novo Código Florestal,

³³ Papa Francisco. Carta Encíclica *Laudato Si – sobre o cuidado da casa comum*. Paulinas, São Paulo, 2015, n. 20

³⁴ *Idem*, n. 24.

³⁵ *Idem*, n. 31.

³⁶ *Idem*, n. 35.

aprovado em 2012, e o Marco Regulatório da Mineração em discussão no Congresso Nacional, têm forte impacto no meio ambiente.

- 54.** As barragens, tanto hidrelétricas quanto de rejeitos, são outra realidade que provoca forte impacto na vida das famílias e do meio ambiente. Na área da Arquidiocese de Mariana já foram construídas muitas barragens causando grandes transtornos para os moradores das localidades onde estão instaladas e para a biodiversidade. O rompimento da barragem de rejeitos, da Samarco Mineração S.A, no distrito de Bento Rodrigues, em Mariana, no dia 5 de novembro de 2015, é um exemplo claro do quanto as barragens ameaçam a vida em todas suas dimensões. Diante dos impactos da atividade mineradora e de outras atividades que degradam o meio ambiente, “é preciso empregar todos os esforços para manter viva a natureza, preservar os mananciais e as nascentes, garantir o habitat dos seres vivos e defender as espécies ameaçadas de extinção”³⁷.
- 55.** A crise hídrica, por sua vez, tem deixado comunidades inteiras apavoradas. Agrava esta crise a tendência de privatização deste “recurso escasso”, visto como “uma mercadoria sujeita às leis do mercado”. Desconsidera-se, portanto, a água potável como “um direito humano essencial, fundamental e universal”³⁸.
- 56.** O uso do agrotóxico é outro problema que aflige a população. Em 2009, o país se tornou o maior consumidor mundial de agrotóxicos, ultrapassando a marca de um milhão de toneladas, o que equivale a um consumo médio de 5,2 kg de veneno agrícola por habitante³⁹. Segundo o Instituto Nacional do Câncer, órgão do Ministério da Saúde, no Brasil, a venda de agrotóxicos rendeu 8,5 bilhões de dólares em 2011. Em nossa Arquidiocese isso ocorre em todas as regiões, aumentando a incidência de doenças como o câncer.
- 57.** Na área de nossa Arquidiocese, deparamo-nos também com outras situações que exigem cuidado de todos. Em seminário sobre o meio ambiente promovido em 2014 pela Província Eclesiástica de Mariana, constataram-se muitos sinais de morte: “a ditadura do capitalismo que devasta a vida do planeta, explorando, ao extremo, os recursos naturais: mineração, construção de barragens, uso indiscriminado de agrotóxico, monoculturas como eucalipto, café, braquiária e cana-de-açúcar”, além de “escassez dos recursos hídricos por meio da retirada das matas ciliares, desmatamentos e assoreamentos”⁴⁰.
- 58.** Tudo isso, portanto, traz consequências gravíssimas para a vida humana como “a desvalorização e desumanização do ser humano, vítima do tráfico, das drogas, da prostituição e de doenças, como os elevados índices de poluição, câncer e suicídios”⁴¹. A realidade descrita acima aponta para desafios e apelos a serem enfrentados na força do Espírito Santo e no seguimento de Jesus, num processo de conversão pessoal e comunitário promotor da vida.

³⁷ Declaração da Arquidiocese de Mariana diante dos impactos da atividade mineradora e industrial – 14 de setembro de 2012.

³⁸ Idem, n. 30

³⁹ Instituto Nacional do Câncer. Cf.

http://www1.inca.gov.br/inca/Arquivos/comunicacao/posicionamento_do_inca_sobre_os_agrotoxicos_06_abr_15.pdf -

Acessado em 28.11.2015

⁴⁰ Carta-compromisso da Província Eclesiástica de Mariana sobre o meio ambiente. 19.02.2015

⁴¹ Idem

CAPÍTULO 2 - CRITÉRIOS NORTEADORES DA AÇÃO EVANGELIZADORA

59. Na busca de respostas para os desafios da ação evangelizadora em nossa Arquidiocese, tendo consciência da realidade na qual estamos inseridos e dos inúmeros desafios a encarar, sentimos a necessidade, antes de tudo, de manter nosso olhar fixo na pessoa de Jesus (cf. Hb 12,2). Somente com o colírio da fé (cf. Ap 3,18) e com uma postura de adesão incondicional a Cristo, que é o Caminho, a Verdade e a Vida (cf. Jo 14,6), poderemos abraçar a sua proposta, realizar o seu sonho, que é a implantação do Reino de Deus e construir a Igreja que ele quer como sinal e instrumento de sua presença libertadora em nosso meio.

2.1 Partir de Jesus Cristo

60. A pessoa de Jesus, seu estilo de vida e suas opções constituem o evangelho vivo, a boa-nova da salvação da qual somos herdeiros, graças a uma rica e fecunda história de presença e testemunho evangelizador em nossas terras, e cujo tesouro nos sentimos comprometidos a transmitir às novas gerações, sendo elos na corrente viva da comunidade eclesial. Em sintonia com as Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil, assumimos o empenho de “partir de Jesus Cristo”, pois “sempre que procuramos voltar à fonte e recuperar o frescor original do Evangelho, despontam novas estradas, métodos criativos, outras formas de expressão, sinais mais eloquentes, palavras cheias de renovado significado para o mundo atual”⁴².

61. ‘Partir de Jesus Cristo’ significa uma busca fiel e criativa de encarnar os grandes ensinamentos do Evangelho, valorizando os diferentes aspectos que marcaram a vida do Mestre e que como discípulos(as) somos chamados(as) a assumir de modo generoso e comprometido. Jesus foi alguém totalmente tocado pelo mistério, um “buscador de Deus”. Viveu como profeta da justiça e da verdade, corajoso na denúncia e comprometido com a paz. Mostrou o coração misericordioso do Pai e foi instrumento de sua ternura e compaixão junto aos pobres, sofredores e excluídos, numa postura atenta de escuta e respeito. Assumiu como prioridade o cuidado da vida fragilizada e ameaçada. Comportou-se como amigo da mulher, defendendo sua dignidade e inclusão. Interessou-se pelos últimos da sociedade e foi ao encontro dos excluídos, enfrentando conflitos e superando resistências⁴³.

62. Atentos às orientações do Documento de Aparecida, percebemos a importância de continuar investindo, na ação evangelizadora, para que o encontro pessoal com Jesus seja realmente o ponto de partida de uma profunda e rica experiência de caminhada cristã, marcada por processo formativo consistente que leve à conversão, ao discipulado, à comunhão e à missão⁴⁴. A centralidade de Jesus Cristo e a intimidade com ele, alimentadas por uma autêntica e madura espiritualidade, não podem ser vividas de maneira intimista e descomprometida, pois “no próprio coração do Evangelho, aparece a vida comunitária e o compromisso com os outros”⁴⁵.

⁴² EG 11

⁴³ Para um aprofundamento sugere-se a obra de J.A. Pagola, *Jesus: uma aproximação histórica*, Vozes: Petrópolis, 2007.

⁴⁴ DAp 293, DGAE 91.

⁴⁵ EG 177; DGAE 109.

2.2 Empenhar-se corajosamente na construção do Reino

63. Jesus colocou como centro de sua vida e pregação o tema do Reino de Deus, que serve para indicar a presença e a ação do próprio Deus na vida e na história de seu povo. No Sermão da Montanha, ele deixou como orientação para a caminhada de seus discípulos(as) um projeto de vida audacioso e comprometedor: “Buscai, em primeiro lugar, o reino de Deus e a sua justiça e tudo isso vos será dado por acréscimo” (Mt 6,33).
64. “O reino de Deus é a chave para captar o sentido que Jesus dá à sua vida e para entender o projeto que quer ver realizado. Tudo aquilo que ele diz e faz está a serviço do Reino de Deus. Tudo adquire sua unidade, seu verdadeiro significado e sua força apaixonante a partir dessa realidade”⁴⁶. Em síntese, “o Reino de Deus é a Pessoa de Jesus e a sua mensagem. Ele mesmo é a chegada desse Reino. Sua mensagem e sua pessoa são inseparáveis”⁴⁷. Jesus se coloca a favor dos sofredores e em luta constante contra o mal, pois o Reino de Deus consiste em libertar a todos daquilo que os impede de viver de maneira digna e feliz.
65. Na fidelidade a Cristo e no compromisso criativo de atualizar seu projeto de vida, como Igreja particular de Mariana, entendemos que, para promover o Reino de Deus entre nós, não nos restam outros caminhos senão os que Jesus percorreu e que representam sua convicção mais profunda, a paixão que animou toda a sua atividade. Trata-se de exigências permanentes que brotam do Evangelho e que devem nos levar a assumir com empenho a missão de discípulos(as) missionários(as). Assim, seguindo as pegadas de Jesus nos comprometemos a:
- a. Revelar o rosto misericordioso do Pai;
 - b. Testemunhar a acolhida e o amor ao próximo;
 - c. Cuidar da vida fragilizada;
 - d. Libertar do pecado e de suas consequências;
 - e. Superar todas as formas de preconceito e discriminação;
 - f. Ajudar as pessoas a vencer a alienação, a exclusão, a escravidão das drogas e a miséria;
 - g. Resgatar o verdadeiro sentido da religião;
 - h. Colaborar na construção de uma sociedade justa, fraterna e solidária, livre da opressão, da insegurança e da corrupção;
 - i. Valorizar a beleza da natureza e assumir a defesa do Planeta, nossa casa comum, na direção da ecologia integral, do desenvolvimento sustentável e na defesa de um estilo de vida sóbrio.

2.3 Ser Igreja “em saída e com as portas abertas”

66. Através deste Projeto de Evangelização, retomamos nossa identidade e nossa missão de ser Igreja instrumento e sacramento do Reino de Deus. Motivados pela palavra e pelo testemunho do Papa Francisco, estamos dispostos a ser uma Igreja “em saída e com as portas abertas”⁴⁸. Preferimos correr o risco de ser “uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas” a ser “uma Igreja enferma pelo fechamento e a

⁴⁶ J.A. Pagola, *Jesus: uma aproximação histórica*, Vozes: Petrópolis, 2007, p. 115.

⁴⁷ DGAE 5.

⁴⁸ EG 46.

comodidade de se agarrar às próprias seguranças”⁴⁹. Queremos agir e viver como Igreja “chamada a ser sempre a casa aberta do Pai”, “a casa paterna, onde há lugar para todos com sua vida fadigosa”⁵⁰. Acolhemos o apelo para descobrir qual é o caminho que o Senhor hoje nos pede, aceitando seu chamado para sair da comodidade, superando a tentação de nos tornar uma Igreja meramente funcional ou burocrática. Precisamos “ter a coragem de alcançar todas as periferias que necessitam da luz do Evangelho”⁵¹, realizando um discernimento pastoral sábio e realista⁵².

67. Considerando a caminhada pastoral que tem sido feita e os desafios que nos interpelam, sentimos a necessidade de encarnar em nossa Igreja particular de Mariana os traços de uma Igreja discípula, missionária, profética e misericordiosa, servidora do Reino de Deus no anúncio do Evangelho e no testemunho da fé.

68. Ser **Igreja discípula** é reafirmar que a vocação cristã não é uma carga, mas um dom⁵³. “Conhecer a Jesus é o melhor presente que qualquer pessoa pode receber; tê-lo encontrado foi o melhor que ocorreu em nossas vidas, e fazê-lo conhecido com nossa palavra e obras é nossa alegria”⁵⁴. Reconhecemos também que temos ainda um longo caminho a percorrer na compreensão da verdade revelada por Jesus, na assimilação e na vivência dos valores cristãos. “É preciso recordar-se de que cada ensinamento da doutrina deve situar-se na atitude evangelizadora que desperte a adesão do coração, com a proximidade, o amor e o testemunho”⁵⁵. Precisamos ser criativos na construção de uma espiritualidade madura, que valorize os diferentes lugares de encontro com Jesus Cristo⁵⁶ e favoreça a síntese entre fé e vida, bem como no esforço da formação permanente, investindo na busca de novos caminhos para a transmissão e a experiência da Palavra de Deus. Na linha do discipulado, importa, ainda, fomentar uma adequada cultura vocacional e ministerial em nossas comunidades, de modo a favorecer o surgimento e acompanhamento das diversas vocações específicas.

69. Para ser **Igreja missionária**, procuramos vencer as tentações do fechamento, da acomodação, do apego às próprias seguranças e às estruturas que nos dão uma falsa proteção⁵⁷, num esforço continuado de conversão pastoral, com a devida atenção para não nos deixarmos roubar o entusiasmo missionário⁵⁸. “A missão é um estímulo constante para não nos acomodarmos na mediocridade, mas continuarmos a crescer”⁵⁹. No esforço de fortalecer a dimensão missionária sentimos a necessidade de nos inspirar em três imagens do evangelho que são muito sugestivas tanto para ministros ordenados quanto para cristãos(ãs) leigos(as), a saber: o pastor (Jo 10,1-18), o semeador (Mt 13,3-9.18-23) e o pescador (Lc 5,1-11). Na realidade atual, não basta mais agir apenas como

⁴⁹ EG 49.

⁵⁰ EG 47.

⁵¹ Cf. EG 20.

⁵² Cf. EG 33.

⁵³ Cf. Documento de Aparecida 28.

⁵⁴ Cf. Documento de Aparecida 29.

⁵⁵ EG 42.

⁵⁶ Cf. Documento de Aparecida 246-264.

⁵⁷ Cf. EG 49.

⁵⁸ Cf. EG 80.

⁵⁹ EG 121.

pastor, cuidando e acompanhando as ovelhas que já pertencem ao rebanho. É necessário ser também o semeador que lança a semente da Palavra de Deus por onde passa e ainda o pescador que tem a coragem de avançar para águas mais profundas lançando as redes para atingir os afastados e excluídos⁶⁰.

- 70.** Entendemos que ser **Igreja profética** exige de nós o esforço de aprender a contemplar a realidade em que nos situamos com o olhar de Deus para sermos corajosos no anúncio da verdade e coerentes na denúncia dos erros. A profecia, que nos faz enxergar além, nasce da mística, supõe familiaridade e sintonia com o mistério de Deus para que nos tornemos autênticos anunciadores e construtores de seu plano de amor numa sociedade marcada por tantas injustiças e desigualdades (Jr 1,4-19).
- 71.** Ser **Igreja misericordiosa** é perceber que “somos chamados a cuidar da fragilidade do povo e do mundo em que vivemos”⁶¹, tocando a miséria humana, a carne sofredora dos outros⁶², com a atitude do bom samaritano, que se aproxima, cura as feridas, respeita a dignidade da pessoa caída e busca parcerias para ajudar os mais necessitados (cf. Lc 10,29-37). Em vez de julgamento e condenação, precisamos investir na acolhida fraterna, na postura de verdadeira proximidade, na prática da reconciliação e na superação dos preconceitos e barreiras de discriminação. “Devemos dar ao nosso caminhar o ritmo salutar da proximidade, com um olhar respeitoso e cheio de compaixão, mas que ao mesmo tempo cure, liberte e anime a amadurecer na vida cristã”.⁶³
- 72.** Mais do que nunca, assumimos a postura de ser **Igreja servidora** do Reino, ligando o anúncio do Evangelho com o testemunho da fé expresso no cuidado da vida plena para todos, no empenho pelo bem comum e no esforço de buscar alternativas e fazer parcerias para superar as situações de exclusão social, investindo na cultura da inclusão e da proximidade. Mais do que nunca, o serviço à vida deve ser marcado pela opção preferencial pelos pobres (Mt 25, 31-46). Como nos alerta o Papa Francisco, “a própria beleza do Evangelho nem sempre a conseguimos manifestar adequadamente, mas há um sinal que nunca pode faltar: a opção pelos últimos, por aqueles que a sociedade descarta e lança fora”⁶⁴, pois, “o amor aos pobres está no centro do Evangelho”⁶⁵.
- 73.** Desejamos que estes elementos de iluminação ou critérios norteadores da ação evangelizadora contribuam eficazmente para que todos os membros do povo de Deus em nossa Arquidiocese sejam “evangelizadores que se abrem sem medo à ação do Espírito Santo (...) que anunciem a Boa-Nova não só com palavras, mas, sobretudo, com uma vida transfigurada pela presença de Deus”⁶⁶.

⁶⁰ Cf. As três imagens foram trabalhadas pelo Pe. Estêvão Raschiatti, numa conferência intitulada *Discípulos missionários sem fronteiras. A missão 'ad gentes' no ministério do missionário presbítero hoje.*

⁶¹ EG 216.

⁶² EG 270.

⁶³ EG 169.

⁶⁴ EG 195. *Cf. também* DAp 65

⁶⁵ Discurso do Papa Francisco aos Participantes do Encontro Mundial dos Movimentos Populares em 28 de outubro de 2014.

⁶⁶ EG 259.

CAPÍTULO 3 - NOSSO COMPROMISSO COM O REINO DE DEUS

Partir de Jesus Cristo e com Jesus Cristo.

- 74.** A Igreja existe não para cuidar de si mesma, mas para evangelizar e promover a vida. Com esse propósito, a Igreja Particular de Mariana, de acordo com a sua realidade e inspirando-se no Evangelho, bem como nas “urgências da ação evangelizadora” reafirmadas pela CNBB nas Diretrizes da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2015-2019, assume como propostas de ação: a) Uma Igreja em estado permanente de missão; b) Uma Igreja atenta à iniciação cristã; c) Uma Igreja, lugar de animação bíblica na vida e na pastoral; d) Uma Igreja que seja comunidade de comunidades; e) Uma Igreja a serviço da vida.
- 75.** O PAE servirá como referência para atingirmos esta meta. Não se pretende apenas elencar uma série de atividades ou uma lista de ações a serem concretizadas. A partir das urgências, apresentamos algumas considerações e propomos diretrizes, encaminhamentos ou pistas de ação mais genéricas. Caberá à Assembleia Arquidiocesana de Pastoral, a cada ano, bem como às assembleias nas várias instâncias, atualizar a reflexão e as propostas, especificar prioridades e propor ações, discutindo o “como”, o “quando”, o “onde”.

1. Uma Igreja em estado permanente de Missão

- 76.** A Igreja é missionária por natureza.⁶⁷ Deve ir aos lugares aonde o próprio Jesus devia ir (cf. Lc 10,1; PAE 2010-2014, 87). A missão, que não se reduz a visitas às casas ou a alguma iniciativa ocasional, se dá através de várias ações evangelizadoras, realizadas por grupos específicos, que chamamos de dimensões pastorais, movimentos eclesiais, pastorais específicas, ministérios e serviços nas comunidades. Para que essa ação seja eficaz, fiel e atual, a Igreja precisa periodicamente rever seus métodos e renovar suas estruturas. É preciso “deixar para trás práticas, costumes e estruturas que, atualmente não favorecem a transmissão da fé. O que derruba as estruturas caducas, o que leva a mudar os corações dos cristãos é justamente a missionariedade”⁶⁸.
- 77.** O Projeto Arquidiocesano de Evangelização tem como meta fortalecer e priorizar nossa ação missionária, lembrando que a missão existe antes da Igreja. Não é a Igreja que tem uma missão, mas a missão que tem a Igreja a seu serviço. A missão tem as seguintes características: urgência, amplitude, inclusão. E exige de nós empenho e ardor.
- **PISTAS DE AÇÃO:**
 - a) Constituir equipes com a função de animar, organizar, formar e preparar agentes para o serviço pastoral e missionário;
 - b) Conscientizar o Conselho Paroquial de Pastoral (CPP) de que ele é o primeiro responsável pela missão na Paróquia;
 - c) Deixar claro para a comunidade que todo serviço eclesial é missionário;

⁶⁷ AG, n. 2; DAp, n. 347.

⁶⁸ CNBB. Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2015-2019, n. 40

- d) Formar a comunidade para uma visão crítica diante dos graves problemas éticos e dos desafios sociais e pastorais da realidade brasileira;
- e) Divulgar, aprofundar e assumir o Projeto Missionário Arquidiocesano “Viver para Anunciar”, com suas orientações e estratégias;
- f) Cuidar para que a missão comece na família, incentivando a Pastoral Familiar, movimentos e associações de famílias e demais grupos eclesiais, para que sejam atuantes e eficazes no acompanhamento de crianças, adolescentes, jovens e idosos;
- g) Atuar junto às famílias em suas diferentes “situações de fragilidades e imperfeições” buscando, à luz da Exortação Pós-Sinodal *Amoris Laetitia Sobre o amor na família*, acompanhá-las para que, no discernimento, sejam integradas à comunidade⁶⁹.
- h) Estar atentos para que tudo aconteça dentro do espírito de comunhão, para que se concretize a pastoral orgânica ou de conjunto;
- i) Assumir a opção preferencial pelos jovens, por meio da Pastoral da Juventude e de outras expressões juvenis presentes na Arquidiocese, a fim de enfrentar os desafios da violência, do extermínio de jovens, do tráfico de drogas e do trabalho, dentre outras;
- j) Estudar, divulgar e encaminhar a implementação do “Projeto de Evangelização da Juventude”, da Arquidiocese de Mariana;
- k) Contribuir para a formação religiosa e vivência dos valores evangélicos nas escolas e universidades e fortalecer as pastorais da educação e universitária;
- l) Fortalecer a missão junto aos afastados, pobres e excluídos, atentos às periferias existenciais e geográficas;
- m) Estimular a implantação e o desenvolvimento da Pastoral da Sobriedade e, sempre que possível e oportuno, apoiar Comunidades Terapêuticas e outras entidades e grupos que atuam junto aos dependentes químicos e suas famílias;
- n) Promover o Serviço de Animação Vocacional (SAV) na perspectiva missionária.

2. Uma Igreja atenta à Iniciação cristã

- 78.** O Documento de Aparecida confirma uma realidade que é sentida por todos: temos alta porcentagem de católicos sem a consciência de sua missão de ser sal, luz e fermento no mundo, com identidade cristã “fraca e vulnerável”. Muitas pessoas não participam da eucaristia e dos outros sacramentos, e nem se inserem ativamente na Comunidade Eclesial (cf. DAp 286). Isso porque a iniciação cristã tem sido “pobre ou fragmentada” (n. 287).
- 79.** Por isso, a Igreja insiste no processo de iniciação à vida cristã, que começa com o anúncio da Palavra e da Pessoa de Jesus Cristo (querigma) e conduz a um encontro pessoal, cada vez mais forte, com Jesus Cristo (n. 290), pois “no início do ser cristão não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas um encontro com o acontecimento, com uma pessoa que dá à vida um novo horizonte e, assim, o rumo decisivo”⁷⁰.
- 80.** Esse caminho de fé, chamado de catequese catecumenal, deve “ajudar as pessoas a conhecer Jesus Cristo, fascinar-se por ele e optar por segui-lo”⁷¹. Deve ser marcado por

⁶⁹ *Amoris Laetitia*, nn. 291-312

⁷⁰ *Deus Caritas Est*, 1.

⁷¹ *Idem*, n. 42

“atitudes de acolhida, diálogo, partilha, escuta da Palavra de Deus e adesão à vida comunitária”⁷².

81. O Plano Arquidiocesano de Catequese conduz a uma catequese evangelizadora e transformadora. “A comunidade cristã deve testemunhar a fé e dedicar-se à formação de todos os fiéis, em todas as etapas de sua vida”⁷³. Esta tarefa não pertence somente aos catequistas, mas a todos. Os primeiros catequistas são os pais, auxiliados pelos responsáveis pela catequese na comunidade cujo objetivo não seja só aquisição de conhecimento, mas adesão a Jesus e ao seu projeto de vida. A catequese não está restrita, portanto, às crianças e adolescentes, mas deve atingir também o adulto. Daí a proposta do Plano Arquidiocesano de Catequese de termos uma “catequese para todos e para todas as idades”.

• **PISTAS DE AÇÃO:**

- a) Conhecer, aprofundar e colocar em prática o Plano Arquidiocesano de Catequese a fim de que tenhamos uma catequese permanente e de inspiração catecumenal;
- b) Continuar mudando o jeito tradicional de “catequizar”, buscando “estruturas eclesiais apropriadas”⁷⁴, como, por exemplo, espaços, horários, atendimento personalizado, sobretudo pelo contato mais pessoal, de acordo com a realidade de cada um, priorizando as periferias.
- c) Transmitir o conteúdo doutrinal da fé, cuidando para que a catequese seja vivencial. É urgente abrir caminhos a fim de passar de uma “preparação para receber os sacramentos” para um “processo de quem quer tornar-se cristão”.
- d) Evitar a preocupação excessiva de sacramentalizar as multidões, mas esforçar-se por evangelizar os que desejam os sacramentos ou que já os tenham recebido. Destaca-se aqui a importância da preparação, por acolhimento, para o Batismo e para a vida matrimonial, bem como o papel da família, para que aconteça uma verdadeira iniciação cristã das crianças, adolescentes e jovens.
- e) Ter em conta, na preparação para o matrimônio, a necessidade de uma sólida formação sobre a sexualidade que aponte para a paternidade responsável, bem como a consciência de uma espiritualidade matrimonial que ajude os casais a viverem a santidade. Cuide-se igualmente da celebração litúrgica do sacramento do matrimônio a fim de que não fique entregue aos cerimoniais, mas que seja assumida pelas equipes da paróquia.
- f) Ter como meta a inserção de todos, de forma consciente e amadurecida, na comunidade. É urgente abrir caminhos a fim de passar de uma “preparação para receber os sacramentos” para um “processo de quem quer tornar-se cristão”.
- g) Dar especial cuidado à vida litúrgica que, além de ajudar o povo a celebrar sua fé, é um meio privilegiado de anúncio e de catequese, além de favorecer o gosto pelas coisas de Deus. Cuide-se para que haja boas equipes de liturgia e de celebração, que invistam na formação, preparação e realização encarnada dos atos celebrativos.

⁷² DGAE, n. 45

⁷³ PAE 2010?

⁷⁴ Idem, n. 45

- h) Fazer um levantamento das pessoas adultas a quem falta algum dos sacramentos da iniciação cristã ou do matrimônio e oferecer-lhes preparação adequada para sua recepção;
- i) Zelar pela religiosidade popular, cujas práticas precisam ser valorizadas, estimuladas, em alguns casos, purificadas e enriquecidas com a Palavra de Deus. Elas são um lugar de encontro com Jesus Cristo a que devemos prestar atenção particularmente na hora de pensar a nova evangelização⁷⁵.
- j) Trabalhar a conscientização de que todo o povo de Deus é responsável por despertar, cultivar e acompanhar as vocações.

3. Uma Igreja, lugar de animação bíblica da vida e da pastoral

82. Deus se dá a conhecer no diálogo que estabelece conosco.⁷⁶ A Bíblia é o livro da revelação. Por meio dela Deus se revela a nós, comunica-nos seu Plano de amor, educa seus filhos, anima-os e encoraja-os no caminho do discipulado. “Toda Escritura é inspirada por Deus e é útil para ensinar, para argumentar, para corrigir, para educar conforme a justiça”⁷⁷.

83. Uma boa formação ajudará o povo a não se deixar iludir por uma leitura instrumentalizada ou fundamentalista da Bíblia, como se ela fosse um livro de receita, com resposta pronta e imediata para tudo, e solução mágica para todos os problemas. Ajudará a entender que não se devem usar textos bíblicos de forma isolada para justificar as próprias ideias, desconsiderando o contexto histórico e cultural em que a Bíblia foi escrita. Fora do contexto, um texto bíblico pode ser usado como pretexto para atitudes que não condizem com o Evangelho. Além disso, deve-se compreender que a Bíblia é, antes de tudo, a revelação da mensagem de Deus.

• PISTAS DE AÇÃO:

- a) Promover, em todas as paróquias, a ‘animação bíblica de toda a pastoral’ (DGAE 54), despertando nas pessoas o gosto pela Palavra e o desejo de vivê-la através da leitura pessoal e comunitária, nas celebrações, nas reuniões das equipes pastorais e movimentos eclesiais, nos grupos de reflexão, no “Ofício Divino das Comunidades e da Juventude” e na “Leitura Orante da Palavra”, nos pequenos cursos ou encontros de formação.
- b) Alimentar e renovar a partir da Bíblia a religiosidade popular, a fim de que seja evangelizadora e responda às necessidades de nosso tempo.
- c) Organizar equipes de formação bíblica ou grupo de estudo bíblico nas paróquias. Os ministros extraordinários da Palavra poderão contribuir muito nessa iniciativa-
- d) Colocar os meios de comunicação social a serviço do anúncio da Palavra: internet, redes sociais, TV, rádio etc.

⁷⁵ Cf. EG, n. 126.

⁷⁶ DV, n. 15; VD, n. 6.

⁷⁷ 2Tm 3,16

- e) Incentivar e multiplicar os Grupos de Reflexão que constituem uma forma eficiente de evangelizar e catequizar a família toda e todas as famílias (PAE 2010-2014, 75) e são, ainda, uma sementeira vocacional, a gerar e formar agentes de pastoral. Para isso, preparar melhor os animadores dos Grupos de Reflexão, oferecendo-lhes sólida formação bíblico-pastoral.
- f) Educar, por meio da Palavra, para a gratuidade e a transcendência (o que ultrapassa aquilo que é puramente terreno e humano), evitando que as pessoas se deixem levar pela “teologia da prosperidade” e pelo imediatismo.
- g) Incentivar a celebração da Palavra em todas as comunidades da paróquia no Domingo, Dia do Senhor.

4. Uma Igreja que seja comunidade de comunidades

- 84.** O discípulo-missionário de Jesus Cristo, necessariamente, vive sua fé em comunidade (1Pd 2,9-10)⁷⁸. Não há como ser cristão sozinho, de maneira isolada.
- 85.** Comunidade implica convívio, vínculos profundos, afetividade, interesses comuns, estabilidade e solidariedade nos sonhos, nas alegrias e nas dores. A comunidade é algo concreto: ela é constituída de gente, de pessoas marcadas pelas semelhanças e diferenças⁷⁹.
- 86.** A Comunidade-Igreja deve ser como uma casa que acolhe a família de Deus. Ela é constituída de pessoas de fé, comprometidas com o Reino de Deus: fé e vida são uma só coisa⁸⁰, dois lados da mesma moeda. A Comunidade Eclesial acolhe, forma e transforma, envia em missão, restaura, celebra, adverte e sustenta⁸¹.
- 87.** A Comunidade eclesial está inserida numa comunidade maior, plural em seus vários aspectos: social, político, econômico e cultural⁸². É como o sal diluído na comida. A Comunidade-Igreja funciona como fermento na grande comunidade-sociedade (cf. Mt 5,13; 13,33). Ela é “casa e escola de comunhão”, “casa de todos” (cf. DAp, 158 e PAE, 66).
- 88.** Para que a Igreja seja uma Comunidade de comunidades, é imprescindível o empenho por uma efetiva participação de todos nos destinos da comunidade, pela diversidade de carismas, serviços e ministérios. Para isso, faz-se necessário promover a diversidade ministerial, na qual todos, leigos, leigas, ministros ordenados, consagrados e consagradas, vivam e trabalhem em comunhão.⁸³

- **PISTAS DE AÇÃO:**

- a) Fazer da paróquia uma “Comunidade de comunidades” buscando a conversão pastoral e construindo relações humanizantes e pessoais, proximidade e compromisso, com descentralização dos trabalhos e das decisões.

⁷⁸ LG, n. 9.

⁷⁹ Cf. Arquidiocese de Mariana. PAE 2010-2014, n. 64

⁸⁰ Cf. CNBB, DGAE, n. 28

⁸¹ GAE, 55

⁸² Cf. Idem, nn. 21-23

⁸³ DGAE, n. 107.

- b) Assumir o jeito de ser das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), sinal de vitalidade da Igreja⁸⁴. Elas sempre serão um ideal, no sentido de resgatar o exemplo das primeiras comunidades cristãs, formadas a partir da base, profundamente marcadas pela Palavra, pela Eucaristia, pelo espírito de comunhão e de pobreza e pelo profetismo.
- c) Estar atentos aos vários tipos de comunidades, inclusive as que vão além dos limites territoriais. Cuidar da evangelização e do acompanhamento das comunidades virtuais e das que surgem por afinidade, para que não haja ovelhas sem pastor. Isso vai exigir dos agentes a capacidade de ouvir, de dialogar, de respeitar o diferente, educando-se “para a vivência da unidade na diversidade”.
- d) Convocar assembleias e ouvi-las; constituir e respeitar os conselhos, tanto pastorais como administrativos, as comissões e toda forma de organização. Assegurar os princípios da pastoral orgânica, da comunhão e participação, promovendo a integração entre as comunidades paroquiais e entre paróquias nas foranias, setores e Regiões pastorais da Arquidiocese. As comunidades sejam autônomas, mas não autossuficientes ou independentes.
- e) Intensificar o processo de tornar a Arquidiocese de Mariana uma Igreja toda ministerial, investindo nos ministérios mais facilmente aceitos, como da Comunhão Eucarística, da Palavra, da Esperança (Exéquias), mas avançando para outros, como do Batismo e testemunhas qualificadas do Matrimônio.
- f) Trabalhar melhor a espiritualidade nas festas dos padroeiros, incentivando o espírito de comunhão e alimentando a fé.
- g) Criar espaços de convivência e promover momentos de encontros e confraternização entre as comunidades.
- h) Trabalhar, nas comunidades e nas equipes de serviço eclesial, a atitude da acolhida, valorizando a cartilha *A prática da acolhida na comunidade cristã* e dando continuidade à escuta como primeiro passo da ação evangelizadora, servindo-se da cartilha “*Escutar, dialogar, anunciar*”.

5. Uma Igreja a serviço da vida

- 89.** Uma comunidade amadurecida e adulta na fé sempre será servidora e profética. Estará a serviço da vida em plenitude para todos, sem distinção, defendendo e promovendo-a em todas as circunstâncias. Colocará a pessoa no centro das atenções. Os documentos da Igreja lembram que a primeira ‘exigência’ da evangelização é o serviço. “Eu vim para que todos tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10).
- 90.** Esse espírito de serviço nasce quando somos capazes de perceber os diversos rostos de sofredores, especialmente os resíduos e “sobras”⁸⁵, e ver neles o rosto de Jesus Cristo. Isso nos levará a assumir, de maneira bem concreta e radical a “opção preferencial pelos pobres”⁸⁶, que vai além do mero assistencialismo, e se manifesta na promoção integral e na libertação de todos.
- 91.** Aqui entra a importância do trabalho das várias pastorais sociais, da aplicação social do dízimo e da atuação dos cristãos e cristãs leigos no mundo da política, como ferramenta

⁸⁴ Cf. CNBB, *Mensagem ao Povo de Deus sobre as CEBs* (Doc. 92).

⁸⁵ EG, n. 53.

⁸⁶ DAp, n. 396, 407-430.

necessária na construção de uma sociedade justa, fraterna e solidária. As obras de misericórdia encontram, nesta urgência, particular apelo porque nos permitem tocar na carne de Cristo, nos pobres e sofredores, que se torna “de novo visível como corpo martirizado, chagado, flagelado, desnutrido, em fuga ... a fim de ser reconhecido, tocado e assistido cuidadosamente por nós. Não esqueçamos as palavras de São João da Cruz: ‘Ao entardecer desta vida, examinar-nos-ão no amor’”⁸⁷.

92. A atitude de serviço nos compromete também com a natureza e com toda a obra da Criação. A consciência ecológica nos leva a compreender que “não somos meramente beneficiários, mas guardiões das outras criaturas”⁸⁸.

• **PISTAS DE AÇÃO:**

- a) Promover a atuação de todos os batizados para que sejam “cristãos e cristãs leigos e leigas do mundo no coração da Igreja, e cristãos leigos e leigas da Igreja no coração do mundo”.
- b) Reforçar permanentemente as pastorais sociais que, no campo de promoção e defesa da vida, têm singular atuação.
- c) Cuidar e animar a dimensão sociopolítica⁸⁹. Nenhuma Comunidade Eclesial pode ignorar esse compromisso, sob o risco de não se colocar a serviço da vida plena que Cristo nos trouxe.
- d) Dialogar com as forças vivas da sociedade civil organizada, movimentos populares e poderes constituídos.
- e) Buscar e apoiar iniciativas de reuso, reciclagem e economia sustentável.
- f) Investir na formação das lideranças e das comunidades, com profissionais especializados, em parceria com faculdades, igrejas e poder público, buscando a conscientização, a promoção integral e a libertação de todos à luz do Ensino Social da Igreja.
- g) Elaborar projetos de inclusão social e ida aos afastados, principalmente da juventude.
- h) Implementar a carta compromisso do VI Fórum social arquidiocesano pela vida
- i) Assumir as decisões do II Fórum Arquidiocesano da Pastoral da Criança e do Menor

⁸⁷ Misericordiae vultus, n. 15

⁸⁸ EG, n. 215.

⁸⁹ Cf. Cartilha da Dimensão Sociopolítica

ANEXO

PLANEJANDO NOSSAS AÇÕES COMUNITÁRIAS E PASTORAIS

Temos em mãos o *Projeto Arquidiocesano de Evangelização 2016-2020* – “*Ai de mim se eu não anunciar o Evangelho*” (1Cor 9,16). Precisamos agora trabalhar para que as propostas deste documento se tornem realidade em nossas comunidades, pastorais, movimentos e organizações. Assim como Jetro aconselhou seu genro Moisés a organizar pequenos grupos e capacitar lideranças, também somos desafiados a planejar as nossas ações em nossos grupos de base. Mas o que é planejamento? Embora a pessoa humana não faça planejamento de maneira consciente e eficaz, ela possui uma estrutura básica que a leva a divisar o futuro, a analisar a realidade e propor ações e atitudes para transformá-la.

Planejamento é processo de busca de equilíbrio entre o caminho e a chegada, entre recursos e objetivos, visando o melhor funcionamento de organizações grupais e outras atividades humanas. O ato de planejar é sempre processo de reflexão, de tomada de decisão sobre a ação; processo de previsão de necessidades e racionalização de emprego de materiais e recursos humanos disponíveis, visando à concretização de objetivos, em prazos determinados e etapas definidas, a partir dos resultados das avaliações (PADILHA, 2001, p. 30).

Para planejar uma ação é importante considerar e refletir sobre as perguntas: O que? Como? Quanto? Quando? Quem? Vamos acompanhar o texto abaixo para entender melhor o passo a passo de um planejamento:

Depois de conhecer bem o PAE 2016-2020, devemos reunir o Conselho Paroquial de Pastoral (CPP) ou o Conselho Comunitário de Pastoral (CCP) e destacar as propostas de ação que são possíveis para a nossa paróquia ou comunidade. Das ações destacadas é importante organizá-las em dimensões, exemplo: dimensão comunitária, litúrgica, sociopolítica, entre outras.

Antes de iniciar o planejamento das ações é necessário definir qual é o objetivo deste planejamento. Para se definir bem um objetivo, é preciso saber onde queremos chegar (objetivo geral) e como o planejamento pode nos ajudar a chegar onde queremos (objetivos específicos).

É necessário definir ainda qual será o período das atividades que serão planejadas que neste caso, é o mesmo do PAE 2016-2020.

Após definir o objetivo e prazo do planejamento, é momento de elaborar o plano de ações para a nossa paróquia ou comunidade. Veja na tabela a seguir um exemplo de um Plano de Ações:

EIXO 01 - DIMENSÃO COMUNITÁRIA					
O QUE? (ação)	COMO? (estratégia)	QUANTO? (recursos e custos)	QUANDO? (prazo)	QUEM? (responsável)	APOIO
Ampliar e melhorar a organização dos grupos de reflexão	Curso de Formação para os dirigentes dos grupos de reflexão	Assessoria, alimentação, material didático e equipamentos	Até julho de 2016	Maria do Carmo (Coordenadora dos Grupos de Reflexão)	Equipe de Formação da Paróquia
	Identificar, visitar e sensibilizar novas lideranças para organizar novos grupos de reflexão	Recursos humanos	Até dezembro de 2018	Maria do Carmo (Coordenadora dos Grupos de Reflexão)	Pastoral Familiar
	Motivar todos os grupos para a participação da Semana em Defesa das Águas	Recursos Humanos	20 a 25 de março de 2016	José Nunes (Coordenador da Comissão Justiça e Paz)	Movimento dos Atingidos por Barragens

Na primeira coluna (o que?), vamos colocar a ação que destacamos no PAE e que já está organizada no grupo da Dimensão Comunitária.

Para a segunda coluna (como?), é preciso discutir e decidir propostas de atividades que poderão operacionalizar a nossa ação, isto é, quais são as atividades que serão organizadas a fim de que a nossa ação proposta se torne realidade. Pode ser uma atividade ou várias, conforme as sugestões dos participantes.

Na terceira coluna (quanto?), precisamos identificar os custos de cada atividade que será realizada para que a paróquia ou comunidade se prepare com os recursos necessários. Importante lembrar que além dos recursos financeiros, é bom prever os recursos com pessoal,

os espaços físicos, equipamentos, materiais, entre outros que serão necessários para o bom andamento das atividades.

Na quarta coluna (quando?), é preciso definir a data da atividade ou o prazo máximo para que ela aconteça. Neste caso, as atividades serão previstas dentro do período do PAE 2016-2020

Na quinta coluna (quem?), é necessário definir a pessoa que será a responsável pela tarefa. É importante que cada tarefa tenha apenas um responsável, sendo que esta pessoa deve identificar outras pessoas para auxiliar na sua tarefa. É bom que se definam também quais as pessoas e/ou organizações que poderão apoiar cada atividade planejada (coluna seis).

Os mensageiros e servos de Deus sempre apontaram para o plano e o propósito de Deus. As ações e metas se realizaram e cumpriram o propósito maior do amor e da graça de Deus. Este propósito de Deus ainda está em aberto e se concretizará na volta de Cristo e na eternidade.

SIGLAS

CEBs - Comunidades Eclesiais de Base

CNBB - Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

DAP - Documento de Aparecida

DGAE - Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora no Brasil

Dieese - Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos

EG - Exortação Apostólica do Papa Francisco – Evangelii Gaudium (Alegria do Evangelho)

FAO - Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LS - Carta Encíclica do Papa Francisco – Laudato Si (Louvado sejas)

MDS - Ministério de Desenvolvimento Social

MV – Misericordiae Vultus

PAE - Projeto Arquidiocesano de Evangelização

PPC - Plano de Pastoral de Conjunto